

Entrevista com o educador suíço Pierre Furter

*Juliano Peroza**

No ano de 2012 tive a oportunidade de ir à Genebra, Suíça, para realizar um intercâmbio de seis meses, a fim de investigar alguns elementos relevantes para o desenvolvimento da minha tese de Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR, em Curitiba, sob a orientação do professor Dr. Peri Mesquida. Para aprofundar alguns aspectos da pesquisa e ampliar os horizontes da investigação, propus para esse intercâmbio três tarefas: Pesquisar as correspondências de Paulo Freire arquivadas no Conselho Mundial de Igrejas (CMI); cumprir os créditos na disciplina ofertada pelo meu codiretor de pesquisa da UNIGENÈVE, o professor Abdeljalil Akkari, e entrevistar o Professor Pierre Furter, para compreender a sua relação com Paulo Freire e sua possível influência no que se refere à perspectiva utópica e antecipatória da educação. Portanto, esta entrevista foi resultado de nosso encontro em seu apartamento localizado à rua Chemin des Tulipiers, no dia 15 de maio de 2012.

Pierre Furter nasceu em 1931 em La Chaux-de-Foundes, graduou-se em filosofia, pedagogia, especializou-se em literatura comparada em Lisboa, Portugal, e Doutorou-se em Filosofia da Educação. Como era um dos únicos professores de português na cidade de Zurique, Suíça, conhece o Cônsul brasileiro da época e estabelece laços de amizade. Por conta disso, por intermédio do

* Graduado em Filosofia pela USF. Mestre Doutor em Educação pela PUC-PR. Professor de Filosofia do Instituto Federal do Paraná-Campus Irati juliano. E-mail: peroza@ifpr.edu.br

convite de um amigo deste cônsul vinculado ao Itamaraty, é convidado para aprimorar seu “sotaque” no português lisboeta em contato com a cultura brasileira, e ganhou uma passagem de “ida e volta” (GADOTTI, 2003; GREIS, 1996).

Atribui as razões de seu encontro com o Brasil como se fosse obra do acaso, mas que, depois de pôr os pés aqui em uma breve passagem no Recife, teve quase uma revelação: “eu acho que o que está acontecendo no Recife é sumamente interessante e quero deixar o meu trabalho em Zurique [...]. [fiquei aqui] totalmente por razões pessoais e por que o que se passava no Recife parecia bom” (GREIS, 1996, p. II-7). Em sua contribuição à obra *Paulo Freire: uma Biobibliografia*, demonstra o fascínio que teve ao se encontrar pela primeira vez com o educador pernambucano:

No entardecer do primeiro dia na minha primeira chegada ao Nordeste – devia ser em 1962, eu acho – já estava em frente do mestre deitado na sua rede. Diziam o Costa Lima e o Uchoa Leite que era um pedagogo famoso no Recife progressista destes tempos do Arraes, ainda que totalmente desconhecido para mim. Ouvindo durante toda esta noite inesperada a sua fala que parecia nunca mais acabar, tive a revelação que, depois de estudar tantas teorias pedagógicas, tinha enfim encontrado uma educação que se fazia e se vivia a cada dia; que nascia de uma consciência crítica dum presente problemático mas prenhe de um futuro pré-revolucionário que se abria sobre uma utopia concreta (FURTER, 1996, p. 180).

Dito isto, compreendemos as razões que fizeram com que este educador suíço se despojasse de sua “indumentária” eurocêntrica para arriscar o acompanhamento de uma experiência educativa genuinamente autêntica, incomparável com tudo o que já havia examinado na literatura pedagógica existente. O encontro com Freire despertou uma espécie de “encanto” – ele chama de revelação –, ao qual aderiu intuitivamente sem pestanejar. Largou a segurança “parmenidiana” da previsível e estável Suíça para vir com a família participar do movimento “heraclitiano” incerto e imprevisível de uma aventura que denomina de “pré-revolucionária” no nordeste brasileiro.

Porém, seu encanto durou pouco: o “inesperado” golpe militar em 1 de abril de 1964 interrompeu bruscamente o desenvolvimento do projeto nacional de alfabetização que tiraria do silêncio marginal milhares de cidadãos brasileiros. Com a prisão de Paulo Freire, Furter procura se desviar das atenções da censura como expert da UNESCO para assuntos da América Latina se alocando, discretamente, num centro de pesquisas vinculado à USP (GREIS, 1996, II-8). Avalia que o “fracasso” foi decisivo para a retomada da leitura do filósofo alemão Ernst Bloch e se debruça sobre os temas da utopia e da esperança.

Assim, Pierre Furter explora exaustivamente as dimensões do pensamento utópico e suas relações com a ação educativa nos anos seguintes. Publica ainda na década de 1960 três obras respectivamente intituladas: *Educação e Vida* (1973), e *Educação e Reflexão* (1975), ambas publicadas em 1966, e *Dialética da Esperança*: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch (1974)¹. A primeira, de modo especial, é referenciada por Freire em vários momentos na *Pedagogia do Oprimido* (1988), que foi publicada em 1968.

O fato é que, logo em seguida, Paulo Freire começa a definir sua pedagogia como utópica: “o caráter utópico desta pedagogia é tão permanente quanto a educação mesma. Seu mover-se entre a denúncia e o anúncio não se esgota quando a realidade denunciada hoje cede seu lugar à nova, mais ou menos anunciada naquela denúncia” (FREIRE, 2007, p. 71).

É importante pontuar que Pierre Furter também participou na articulação da ida de Paulo Freire ao Conselho Mundial de Igrejas durante o exílio. Depois de passar seis anos entre Brasil e Venezuela, no início da década de 1970 volta à Genebra e em 1975 assume a função de professor de educação comparada e planificação na *Faculté de Psychologie et Sciences de l'Éducation* (FAPSE) da Universidade de Genebra, na qual se aposenta em 1996.

¹ Merece destaque também o curso oferecido na Universidade de Genebra, *Amérique Utopique*, em que faz um “ensaio sobre a contribuição do pensamento utópico ao desenvolvimento da formação dos latino-americanos” (FURTER, 1977-1978) e uma obra publicada na década de 1990, *Mondes Rêvés* (FURTER, 1995).

O professor Furter recebeu-me com ar de entusiasmo e curiosidade, pois parecia ainda nutrir grande afeto pela América Latina. Convidou-me para o seu escritório e apresentou-me sua biblioteca e seu arquivo pessoal. Tomamos café e fumamos um charuto. A entrevista transcorreu em tom de diálogo, em que aos poucos procurei vasculhar elementos da sua memória sobre sua relação com Paulo Freire e com o Brasil. Aos 81 anos de idade ainda esbanjava de grande vitalidade e lucidez, porém, às vezes percebemos certos lapsos com nomes e acontecimentos, os quais não procuramos alterar com muitas notas para não desconfigurar o teor do seu exercício mnemônico. Quanto ao seu idioma, falou durante todo o tempo em português, muito bom, por sinal. Porém, em alguns momentos usa algumas expressões em espanhol e francês, ou acaba se equivocando. Neste caso, eu sugiro a correção entre parênteses.

Pierre Furter faleceu no dia 30 de março de 2020, na cidade de Genebra, Suíça, aos 89 anos de idade, vítima de COVID 19. A ele explico aqui todo o meu respeito e gratidão pela acolhida e pela contribuição intelectual esperançosa à educação, bem como por ter partilhado do sonho concreto de libertação na América Latina.

O início da gravação foi precedido por um momento de diálogo informal...

Furter – É que não encontro muitos brasileiros aqui, hein... hoje! Mais com gente do México, Venezuela... bom. Me diga um pouco...

Juliano – Bem, continuando de onde estávamos, a história de Goiás, Brasília... os militares os pararam na estrada (Furter e Paulo Freire)...

F – Então o problema era que eu tênia (tinha) nessa época cidadania brasileira. O famoso... não me lembro do documento, tinha um nome, e mais o “suíço”. E o quarto exército de Pernambuco me procurava... e o problema era saber se o fato de (eu) ser suíço, podia escapar ao inquérito. Eu estava aí com minha mulher, dois filhos e o Paulo se escondendo. Como se chamava o cara das Ligas...

J – Francisco Julião?

F – Foi também... e ficou conosco o Melchior² que era diplomático e um grande diplomático – infelizmente acho que agora morreu -, então ele me disse: “olha, você tem a sua embaixada no Rio, por que você não toma o primeiro avião para ir ao Rio, sendo que você tem dois passaportes” ... então foi possível e fuimos (fomos) ao Rio num avião cheio de militares. Eu, minha mulher e meus filhos éramos os únicos civis (risadas). Cheguei ao Rio, então tinha um telegrama da UNESCO dizendo (que) sendo assim, a situação, estávamos interessados em contratar-lhe você como “experto” e para isso você vai a São Paulo. Então fuimos (fomos) para São Paulo onde passamos 2 ou 3 anos. Gostei muito de São Paulo...

J – Então o senhor também morou em São Paulo e trabalhou...

F – Na Praça da República! É, o nosso apartamento era em cima da Praça da República.

J – Um grande centro cultural em São Paulo.

F – Havia um Zoológico, um jardim de infância, um lindo parque em que os meus filhos iam e eles iam no Liceu e souberam portuguêses melhor que eu. E eu trabalhava na Cidade Universitária.

J – USP?

F – Não! Num Instituto³ que dependia do Ministério da Educação. Não lembro o nome... e claro que conheci muita gente, tinha gente muito interessante, sociólogos, a escola de sociologia...

² José Guilherme Merquior, crítico literário, sociólogo e diplomata brasileiro.

³ Na abertura de sua obra *Educação e Reflexão* (1975, p.5) menciona o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e o CRPE (Centro Regional de Pesquisas Educacionais) de São Paulo.

J – Otávio Iani, Florestan Fernandes, Fernando Henrique...

F – Nos últimos anos do Florestan, já estava velho, e os seus alunos, um deles foi presidente...

J – Isso, Fernando Henrique Cardoso.

F – Eh, então ficamos ali, e era muito interessante, por que nesta época todo este grupo de sociólogos não conhecia o Nordeste.

J – Então eles não tinham contato...

F – Não, não... não conheciam! Da mesma maneira...

J – Bem, já que o senhor tocou nesse assunto, eu queria saber em relação do ISEB, se tinham um projeto de “nação”...

F – Não tinham! Eram cariocas e do sul. Eu me lembro que quando encontrei pela primeira vez Paulo, foi em 60, o tempo de, como chamava o gaúcho que pretendia ser presidente... e no Recife era o Miguel Arraes...

J – Bem, o senhor se refere bem antes do golpe, Getúlio?

F – Não, era justo antes do golpe... e o golpe era justo para impedir eleições livres por que tinham (tinham) medo que o Arraes pudesse apresentar. Então, tínhamos muitos amigos aqui, quando cheguei, e, na noite depois que... cheguei sozinho... e então eu fui ver a Paulo... na noite mesmo, e ficamos de imediato “assim” (risadas, expressão de paralisado). E ele me contou que tinha feito a primeira viagem sua a São Paulo e havia descoberto uma cidade grande, fabulosa... nunca tinha ido!

J – Isso foi no final da década de 50?

F – Eu diria 60... 3 anos antes do golpe, 60, 61.

J – Porque antes, ele se identificava intelectualmente com o que o pessoal do ISEB escrevia, me parece.

F – Ah... sim e não! Paulo era um católico convencido. E eu creio que sempre foi... de missa, hein... e ele fazia parte da, eu diria, esquerda católica, o MEB, o MEB era o outro grupo.

J – Movimento de Educação de Base!

F – Éh, que estava também em São Paulo... e então, ele infelizmente teve 2 grandes problemas nessa época: ele apresentou sua tese para ter a cadeira de filosofia de educação e foi eliminado por ser católico de esquerda e foi uma senhora⁴, nem me lembro do nome, que foi “nombreada” (nomeada) em vez dele, por que era uma boa católica.

J – Então, um dos critérios por ele não ter passado em primeiro lugar foi esse?

F – Oficialmente, não! Mas detrás, estava... como é... meu Deus, começo a perder memórias... quem era o grande antropólogo no Recife que... tinha um instituto?

J – Gilberto Freyre?

⁴ Furter se refere à professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, que havia desenvolvido sua tese de doutorado intitulada *Pedagogia do Tempo e da História*, na Sorbone, em Paris. (ARAÚJO FREIRE, 2017, p. 90). Essa afirmação nos parece curiosa e não encontra respaldo na literatura conhecida. Trazemos aqui outra versão que o mesmo Furter registra em um artigo sobre Paulo Freire e Ivan Illich: “Com esta tese, apresenta-se a concurso para uma cadeira de Filosofia da Educação na Universidade Federal do Pernambuco que perde para uma concorrente que tinha seguido os ensinamentos de Heidegger... e que sabia alemão” (FURTER, 1998, p. 76)

F – Gilberto Freyre... estava do lado da senhora e contra Paulo, porque considerava Paulo como atraíçoador (traíçoeiro). E quem estava do lado do Paulo era o Suassuna... então, eu cheguei lá, primeira tragédia... segunda tragédia... a Igreja, porque o bispo do Recife... ai meu deus (esquece o nome) chegou depois que, como se chama... então, a Igreja também tinha medo de Paulo, por que ele tinha começado as suas primeiras experiências dentro da Educação Cristã e também em Natal com o apoio do Arraes. Então, a colaboração com Miguel Arraes era traição, para a Igreja...

J – Por que o Arraes se considerava ateu, era socialista...

F – Totalmente! Totalmente... era uma personalidade complexa, hein, mas era completamente ateu. Então, em relação ao ISEB, o ISEB era uma coisa conhecida, mas era uma coisa do sul, São Paulo e Rio, e no nordeste era o economista que dirigiu a SUDENE, o organismo de planificação, e, ah, Celso Furtado.

J – Então era muito mais forte a presença do Furtado no nordeste...

F – Absolutamente! Era, digamos a cabeça, hein... e era um grupo menos intelectual que o ISEB, muito mais para o desenvolvimento do nordeste e com a ideia, de fato, de que o nordeste era um colônia do sul... agora, o ISEB nesta época, eu ouvia falar, mas não era o ISEB que tinha uma influência, no começo, o ISEB era sobretudo de intelectuais...

J – Hélio Jaguaribe...

F – Exato! Então, depois disso houve a campanha em favor do Arraes para ser presidente e ele era do Partido Socialista e nesta época o partido socialista em Pernambuco era quase igual ao outro partido que se chamava... não me lembro, que era o partido que sempre dominou Pernambuco. Então, o Arraes foi o primeiro governador

de Pernambuco de esquerda e teve uma tal repercussão que ele era o candidato da esquerda para presidência, e por isso que a repressão do quarto exército no Recife foi tremenda.

J – Então, um pouco por que já se vivia esse ‘clima’ no nordeste, a Revolução Cubana em 59... nesse sentido é que eu queria entender um pouco mais... depois desse golpe, em 64, eu li numa entrevista em que o senhor prestou (GRAYS, 1996), na qual...

F – Onde? Não, me lembro...

J – Uma dissertação que foi feita na UNICAMP sobre seu pensamento...

F – Pode ser (risos)...

J – E eu li uma passagem na qual o senhor afirma que havia um clima de “euforia política” e que isso não tinha nada a ver com utopia, simplesmente o pessoal pensava que estava ao ponto de chegar ao poder...

F – Absolutamente!

J – Mas depois do golpe, o senhor fala que se interessou muito pela utopia, ou seja, falar de esperança após o fracasso, foi uma forma de dizer que a “euforia” valeu a pena, que tudo não foi em vão?

F – Não! Eu, a minha... pensando nessa época, a minha conclusão é que tínhamos razão, mas fomos vencidos. Porque nós havíamos subestimado as forças da direita e não tivemos a mínima entrada no exército... porque o exército de São Paulo tinha um instituto que era ideológico⁵ também. Então nós pensávamos que o povo podia, um dia, se opor aos militares, e foi um erro absoluto!

⁵ Supomos que estivesse se referindo ao IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais; ligado à ESG – Escola Superior de Guerra.

J – Então foi uma questão estratégica...

F- Absolutamente, nos enganamos! Uma socióloga de São Paulo me disse uma vez: “você com suas ideias de conscientizar, você não conscientizou o povo, conscientizou os militares para não deixar o poder ao povo”...

J – Então eles perceberam antes...

F – Absolutamente, bom, eu digo nós, por que eu estava dentro e aí que eu conheci os dominicanos e, realmente o golpe surpreendeu! Ninguém pensava que um dia... e então foi um desastre. No Recife houve um morto. Um cidadão que pensava que podia atravessar a rua porque a luz era verde, então avançou, e um tanque, foi o único morto do golpe no Recife. E então, ficamos parados com medo, um medo tremendo! E, para volver à utopia, então, nos encontramos, eu já estava em São Paulo, depois, e estávamos absolutamente desesperados, aterrados (aterrorizados), por que uns diziam que não tem importância por que o golpe seria um ano, ou dois anos, nunca tínhamos pensado que seria tão longe. Então eu tive a ideia que os outros achavam ridícula, de “por que não ler Jeremias”? Jeremias é o profeta dos vencidos. Então, claro, de novo o Pierre (risos) tinha ideias um pouco estranhas. E aí eu estava lendo Bloch e isso me animou muito e aí vem a ideia da utopia e da esperança e da nossa impossibilidade de fazer o que Bloch achava importante que era a utopia concreta. Não conseguimos!

J – Então, nesse sentido, faltou um “passo” para se dar início à utopia concreta no Brasil? Estava no clima do “desejo” ainda...

F- Sim, mas quem desejava? Eu acho que não foi o povo...

J – Por que a gente tinha as ligas camponesas, Miguel Arraes, MEB...

F – Isso no Recife, não no Rio, não em Minas, Minas continuava tudo tradicional. No Paraná, nada! Foi um dos primeiros a aderir ao golpe... o Rio Grande do Sul tinha o famoso exército que devia proteger as fronteiras com Uruguai e etc... tomaram conta disso assim, assim, o resto do nordeste, nesta época, era... Natal era miserável!

J – Parece que o Governo do Aluísio Alves também era de tendência para a esquerda...

F – Absolutamente! Este foi quem sugeriu ao Arraes de mandar Paulo para fazer umas experiências de alfabetização, o programa se chamava o “pé no chão”...

J – De Pé no Chão também se Aprende a Ler!

F – Exatamente! Então, e daí, eu diria, um grupo ou foi com o MEB (Movimento de Educação de Base), porque o MEB poderia continuar debaixo da proteção da Igreja... eram ala esquerda, mas eram burgueses de boa intenção. Então a Igreja realmente... o PC (Partido Comunista), claro, foi eliminado, ou desapareceu. O pensamento do Paulo era curioso: os militares odiavam, mas as ideias dele não eram marxistas. Eu me lembro, num inquérito sobre Paulo, por que me pediram que devia testemunhar, e me perguntaram se Paulo era um marxista. Eu disse, não, é católico de missa cotidiana, não tem absolutamente nada que ver... não foram convencidos! Depois, o ISEB, continuou com os livros. Havia toda uma produção intelectual notável! O Celso Furtado escapou da repressão e, em, digamos, não, em relação ao PC, você sabe quem era dono da Civilização Brasileira?

J – Ênio Silveira?

F – Voilá! Ênio Silveira era um senhor muito hábil. Então, havia a Civilização Brasileira, uma editora, não era demasiadamente à es-

querda, mas ele era um dos financiadores do PC, então ele criou essa revista, de que não me lembro o nome, para permitir aos Ex do PC, gente de esquerda protestante e católica, uma revista que teve muita importância nessa época..

J – Paz e Terra?

F – Voilá, Paz e Terra.

F – Nesta época tinha um nome significativo, porque havia uma luta religiosa institucional a volta da Igreja. Paz e Terra lembra o papa e o concílio, e havia o bispo que odiava a revista. Então, foi muito astuto, assim se podia dizer: isso está na linha do Concílio. A repressão não é possível, e as pessoas que eu podia dizer, denunciadas, se escapavam dentro deste meio.

J – Mas e os mecanismos da repressão não detectaram o conteúdo da revista?

F – Não, porque o que aprendemos depois do golpe é de escapar, de mentir, de salvar o que se podia salvar. Afinal, Paulo foi prendido (preso)... escapou, ninguém sabe muito bem como escapou da prisão, pode ser que os militares deixaram e foi para o Chile. Oh, como se chama, que foi presidente, sociólogo...

J – Fernando Henrique Cardoso?

F – Foi também para o Chile e a sua família esteve na nossa casa em São Paulo antes de exilar-se para Santiago do Chile. E, muitos perderam seus empregos... isso foi um castigo tremendo.

J – Muitos trabalhavam em organismos públicos e foram “aposentados compulsoriamente” ...

F – Aposentados, sim e não, dependia do caso, mas eu tinha amigos no Rio que perderam tudo e depois a possibilidade de continuar trabalhando. No Recife, só depois que o exército admitia os cursos de sociologia, mas não permitia inquéritos, ou trabalhos de campo. Então, uma sociologia puramente teórica. Não se podia mais por que tinham medo...

J – E Francisco Julião teve que sair também.

F – Francisco Julião foi ao México! Aí também houve uma relação com Illich em Guernavaca, que era amigo de Paulo... e estavam, eu diria com muita dificuldade, houve uma espécie de rede entre, com os latinos que falavam castelhano até o golpe do Frey, aí, todos tiveram que sair de novo. Paulo veio dos EUA em Genebra...

J – Isso que eu queria entender também. Como o senhor conhecia o Paulo Freire, teve alguma relação do senhor com a vinda dele para Genebra?

F – Ah, sim, claro.

J – O senhor influenciou um pouco, através do Conselho Mundial de Igrejas?

F – Não. O Conselho teve o mesmo papel que o da Igreja Católica. Protegeu Paulo, como, digamos, num espírito ecumênico. Bom, eu conheço Paulo desde os anos 60. Estivemos vários meses na casa dele e depois do golpe nos encontramos em Genebra, depois que ele fez todo... Estados Unidos e chegou em Genebra com o apoio do Conselho Mundial. E, como havia nessa época muitos exilados brasileiros, na Universidade de Genebra, e também portugueses que não queriam a guerra em Angola, então, havia um meio muito chegado a Paulo e chegamos, na Universidade a dar um Honoris causa a Paulo...

J – Naquela época mesmo?

F – Não, isso foi, (titubeia), em 85⁶.

J – Mas ele chegou a trabalhar na universidade também?

F- Pois não! Não como professor... que função teve? Não me lembro exatamente o título dele, porque não era professor... porque um professor na Universidade de Genebra não podia ter um doutor honoris causa, então, necessariamente ele devia dar cursos, seminários, mas não, acho que não teve o título de professor. Mas colegas, eu, etc, o chamavam para...

J – E ele teve muita repercussão aqui na época (seu pensamento)?

F – Sim, sim... bom, o problema era a língua. Falava brasileiro e muito. Isso era uma das características, acho, do Nordeste, ninguém sabia outra língua que o português...

J – Mas isso não era um pouco por opção política?

F – Não, não. Não se importava! Havia sempre gente a volta dele que traduzia. Então pra que? E ele não se sentia à vontade fora do brasileiro.

J – Então, voltando um pouco. O senhor acha, até que ponto Freire alimentou o clima esperançoso ou a euforia daquela época?

F – Totalmente. A esperança, não era, foi depois da saída dele, neste grupo de Paz e Terra que começou. Ele estava, primeiro, conven-

⁶ De acordo com o acervo digital Paulo Freire, a data exata desta titulação corresponde ao dia 6 de junho de 1979 (Cf. <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3720>). Pode ser que tenha confundido com alguma homenagem posterior.

cido de que o Brasil iria mudar com Arraes presidente. Ele estava convencido que o seu modo de alfabetizar podia mudar a visão do mundo popular. A conscientização não era somente o analfabetismo, você sabe muito bem, era uma outra maneira de ver a sociedade, de votar de maneira mais livre, então, Paulo queria tudo isso!

J – Ele teria sido um pouco ingênuo, no princípio?

F – Nunca foi um político hábil. Eu soube, que quando ele foi secretário da educação em SP, não foi muito brilhante. Não, ele não era... era nem um tipo homem de ação, nem um organizador. Ele tinha uma imaginação... falava de maneira absolutamente, sem nota, sem nada, tinha um carisma pessoal e as suas ideias convinham. Mas sempre teve ao lado dele gente que não só traduzia em outras línguas, mas traduzia isto em ação, em instituição, em movimento.

J – Então ele tinha a capacidade de inspirar as outras pessoas a agirem?

F – Tinha entre profeta e guru. Tinha, você claro, não conheceu o Paulo. Era extraordinário!

J – Então era uma pessoa que encantava...

F – Exatamente. E Tenía (tinha) uma faculdade oral, de expressão oral que é típico do Nordeste.

J – Sabia contar histórias...

F – Sabia contar histórias, sabia chamar os sentimentos do público, era extraordinário...

J – Despertava a emotividade...

F – Exato, por isso houve pessoas que diziam: “ah, filosoficamente ele não era muito profundo” ... pouco importa, era como um profeta, falava, era um intelectual oral.

J – Então, nesse sentido professor, como o senhor vê o método de alfabetização? Há uma teoria consistente que embasa o método? Como podemos compreender...

F – Ah, isso é complicado. Paulo, realmente, imaginou as primeiras experiências do seu método de alfabetização em grupos no Recife que dependiam da Igreja, educação de adultos, catecismo etc. e no Natal, em Angicos...

J – O senhor chegou a participar em Angicos?

F – Em Natal ele me mandou para avaliar. Ainda tenho fotos, notas... era muito impressionante o “Pé no Chão” ... impressionantíssimo. Então, quando Arraes realmente se interessou, houve duas coisas: primeiro, a Universidade que não o havia nomeado, aceitou criar uma espécie de (... pausa).

J – Serviço de Extensão?

F – Voilá, e aí, havia intelectuais que deram uma assistência multidisciplinar às ideias de Paulo. Se você quiser, era como um profeta: tinha ideias fabulosas e os outros encaixavam isso na ciência moderna, na linguística, na sociologia, e da teologia.

J – Poderíamos dizer que ele é uma fonte inesgotável de diálogo interdisciplinar?

F – Exatamente! Agora, do outro lado, é que Miguel Arraes que era um político muito astuto, entendeu que a conscientização poderia ser uma arma política. No fundo, Arraes apoiava a alfabetização por-

que nesta época o analfabeto não podia votar. Mas também, porque o método era importante para conscientizar os alfabetizados. Tinha esses dois aspectos políticos e por isso que Arraes apoiou Paulo e o grupo do SEC (Serviço de Extensão Cultural), realmente, fez um grande trabalho, mais científico se você quiser. E, depois, quando Paulo foi ao Chile, teve de novo uns brasileiros que tentaram melhorar as ideias dele. Começou a escrever e... digamos, a fala profética dele começou a ter “armadura” muito mais coerente.

J – Isso a partir da Pedagogia do Oprimido, o senhor quer dizer?

F – Voilá, exatamente!

J – Nesse sentido, voltando ao que a gente já falou, se há uma teoria consistente que embase seu método de alfabetização, até que ponto dá para gente identificar...

F – Era eclético, filosoficamente, um ecletismo. Havia o Barbu⁷, que exerceu muita influência sobre ele... o ISEB, pelos livros, hein, ah, eu me lembro da biblioteca dele, eu estive por muitas vezes na casa dele, na biblioteca, o que era muito interessante, por que permitia entender o pensamento dele. E não foi Marx, foi muito mais, digamos o que o partido comunista europeu odiava: Garaudy!

J – Mantovani eu me lembro de ter visto...

F – Isso, esta esquerda não dogmática.

J – Mounier?

F – Mounier, esta é a parte cristã dele... e, seguiu a evolução do Concílio. Porque havia muitos teólogos brasileiros que estavam a favor do Concílio, mesmo se a hierarquia não via isso muito bem...

⁷ Zevedei Barbu, sociólogo e filósofo Romeno radicado no Brasil como professor da UnB.

J – Então, intuitivamente, ele sempre esteve, poderíamos dizer, progressivamente avançando... ou, era um liberal?

F – É, eu diria assim, ele odiava exposições dogmáticas. Odiava isso, não suportava, e assim eu não posso dizer que ele é um discípulo de tal e tal filósofo, e neste sentido que digo que era eclético, tomava em certos autores o que interessava a ele e que inspirava ele.

J – Então é difícil dizer que tem uma teoria que o embasa?

F – Eh, mais ou menos... conscientizar é uma...ah, vulgarização... liberalização de um conceito marxista. A palavra, o conceito!

J – Então, é um pouco aqui eu queria chegar para entender esse “primeiro Freire”, antes da Pedagogia do Oprimido, se a gente falar de uma esperança em Freire, ou entender Freire enquanto utópico, neste contexto, a gente tende mais para a Teologia... Moltmann?

F – Não, teologia, não!

J – Não é uma esperança mais cristã...

F – Sim, cristã sim, mas não teológica, não tinha cultura teológica... tinha teólogos a volta dele... ah, no grupo do SEC (Serviço de Extensão Cultural) havia todo tipo de gente e também teólogos. Mas ele não tinha uma cultura teológica. Tinha uma boa cultura de base de um católico esclarecido, normal! Eu nunca vi citar a Bíblia, tampouco os padres da Igreja, nem sabia muito bem qual era o pensamento de Santo Agostinho. Pode ser que sabia que existia... e depois temos de dizer, que com o Concílio, também houve uma esperança imensa com o Concílio e com o papa atual.

J – Então, como eu tento estudar um pouco a utopia e a esperança no pensamento de Freire, eu queria saber, depois, se é possível fazer uma leitura blochiana do pensamento dele como um todo...

F – Sim, mas ele nunca foi blochiano.

J – Ele não lia Bloch?

F – Eu tentei interpretar de maneira blochiana as ideias de Paulo, mas ele, de tudo isso, só tomou a palavra utópico, ou esperança, mas nunca chegou a ler os livros importantes de Bloch a volta da esperança.

J – Talvez o senhor teria o influenciado por meio dos seus livros? Por que ele cita muito “Educação e Reflexão”, “Educação e vida”, e lá o senhor trabalha alguns conceitos de Bloch...

F – Pode ser... mas, tínhamos simpatias, tínhamos intercâmbios, sintonias... ele abria tudo isso sobre educação, sobre a noção de adulto, sobre a ideia de que se deve educar e formar a pessoa de outra maneira, e digamos, com Bloch, Bloch nunca se interessou em educação.

J – Por que ele insiste muito (Freire) depois da Pedagogia do Oprimido, em conceitos como Inédito Viável, sonho possível, utopia, esperança...

F – Porque no grupo a volta dele no Chile havia uns brasileiros muito esclarecidos em filosofia. E que ajudaram muito na “conceptuação” (conceituação) da Pedagogia do Oprimido. A parte teórica foi intercâmbio com uns brasileiros, e talvez, chilenos, que realmente tinham uma boa base filosófica.

J – Ernani Maria Fiori, por exemplo!

F – Absolut... sobretudo ele, que era um tipo notável!

J – Hegeliano...dialético...

F – Sim, exato... a noção de dialética que aparece muito, depois em Paulo, é uma maneira de retomar, eu disse antes, que ele tomava em alguns autores algum conceito que ele achava fundamental, assim foi com Fiori. Fiori iniciou a Hegel e então (pum) tomou a noção de dialética e transformou em sua teoria da educação.

J – E intercambiou com Marx, um pouco...

F – Marx não, porque, Marx era a referência dogmática no pensador do PC (Partido Comunista). E como ele não suportava... nada, nada disso, liberal nesse sentido, não podia, não sentia à vontade com pessoas que diziam assim: “é”! E tinha muito carinho, hein... inclusive, nunca atacou abertamente Gilberto Freyre e Gilberto Freyre realmente foi terrível com ele. Paulo nunca atacou publicamente o nome de Gilberto Freyre, porque ele não era uma pessoa que atacava para defender as suas ideias, não era, como eu diria... ele estava convencido das suas ideias...

J - Tinha algumas posições...

F – Exato! Mas ele estava sempre disposto a discutir. E, não, conscientização não é uma maneira de dominar o outro, é pôr o outro numa situação em que pode escolher...

J – O movimento...

F – Voilá, isso é dialética!

J – Porque o conceito conscientização ele mesmo parou de usar durante uma época, depois voltou a usar de novo. Mas é uma forma de estimular o outro...

F – E pôr em situação de escolher o que ele acha melhor!

J – Mas nunca fazer uma escolha definitiva!

F – Aí vem certas ambiguidades...

J – Por exemplo?

F – Porque na tradução de Paulo em ação ou instituição, houve um certo clericalismo, uma certa doutrina, ele nunca teve uma doutrina.

J – Ele mesmo disse que não tinha um método...

F – Isso mesmo, o método era para vender as ideias dele. E de convencer gente séria, que queria... que havia um método, uma via. E, criou muitas dificuldades (com) isso. Houve no grupo de dogmáticos do seu pensamento.

J – O que o senhor acha, se não tivesse o método, qual seria a forma de ‘vender essas ideias’?

F – Eu diria... o pensamento utópico, pensamento utópico, não utopia. Por exemplo, eu lembrei que ao final dessa época era que tínhamos razão, mas que fomos vencidos... o pensamento utópico inspirado por Bloch, ao menos na minha interpretação, é a utopia tem de passar pelo “échec”... como diz échec em português?

J – Fracasso!

F – O fracasso para ser uma verdadeira utopia. A utopia concreta... não é simplesmente aplicar o pensamento utópico, é o resultado do pensamento utópico que encontra a realidade que não consegue... o pensamento utópico reflete... vê como tudo isso é dialético.

J – O fracasso é uma forma de purificar a ingenuidade que há na utopia.

F – Absolutamente, então nesse caso, isso é possível porque existe a esperança. Você não pode superar o fracasso se você não tem a esperança que você pode encontrar outra solução. Agora, esperança não é certidão (diga-se, certeza), é uma aventura intelectual e espiritual.

J – Por que, como manter a esperança depois de uma sequência de fracassos, por exemplo?

F – Isso é um mistério... os últimos textos que escrevi sobre isso é o meu problema.

J – Por que, se é um grupo religioso, você joga para transcendência e tudo bem...

F – Isso não funciona pra Bloch que não crê, e eu, tampouco.

J – Como antropológicamente manter...

F – E a morte? Você pode ter a esperança da ressurreição, é uma maneira..., mas Bloch não crê na ressurreição. Pensa que, apesar do fracasso, vai haver uma nova geração que vai entender e retomar o pensamento, e nesse sentido há uma esperança, a esperança na humanidade. Você conhece o escritor português Saramago?

J – Sim...

F – É muito impregnado desse pensamento sendo que ele é ateu.

J – Então é uma esperança antropológica?

F – Pode tomar muitas formas.

J – Então podemos interpretar Freire a partir da esperança antropológica acima da esperança cristã?

F – Sim, tinha uma esperança antropológica porque “creia” (acreditava) no povo brasileiro, “creia” (acreditava) no Nordeste, não no nordeste assim, nos nordestinos... e creia (acreditava) que o Brasil poderia ser uma verdadeira democracia, e neste sentido que era político e antropológico.

J – Por isso que na última frase da Pedagogia do Oprimido ele afirma que, se nada ficar destas páginas, esperamos que pelo menos que reste o amor, a confiança que a gente tem nos homens...

F – Eh, eh... esse é o aspecto cristão, porque o amor não existe na obra do Bloch.

J – Então, seria difícil interpretar somente da perspectiva Blochiana... amor, fé...

F – Para mim, eu tento entender tudo, não só Paulo, mas tudo o que passou, com uma vista impregnada com o pensamento de Bloch... e nesse sentido que escrevi a Dialética da Esperança.

J – Eu os li, e este, *Amérique Utopique* (1977/1978), mas não conhecia porque a gente não tem em português...

F - Houve tantas coisas depois...

J – O senhor não se interessou em publicar em português, *Amérique Utopique*...

F – Não, isso porque o “copy right” era de (Ivan) Illich, resultado de cursos que dei em Guernavaca.

J – E *Mondes Rêvés*?

F – Ah, esse foi o último.

J – O senhor não quis traduzir também...

F – Não teve nenhum êxito... é o último livro, quando eu... vendi mil exemplares, coisa assim, em absoluto e, talvez o meu livro mais querido... e foi um fracasso total. E de novo o problema do fracasso. Desde então, eu me disse ‘de que vale a pena fazer esforços para convencer um editor?’ Eu me fiz meu próprio editor... com o computador e... estou escrevendo alguns exemplares a amigos...

J – Que bom saber que o senhor continua escrevendo!

F – Eh, todos os dias.

J – E o senhor escreve ainda sobre Utopia?

F- Não, não... eh, estou escrevendo, você vai rir, tenho 8 netos e netas. dois, três, estão vivendo em Genebra. Outros em Califórnia, outros em Luzerna, outros em Fribourg, etc... os dois daqui, por exemplo, depois da nossa entrevista, eu vou a casa dos três que estão aqui para fazer o, para ajudar aos seus trabalhos escolares (risos), a é bonito... voltar à pedagogia. E, o maior, é já muito interessado em filosofia. E um dos meus filhos falou: por que você não escreve uma história da filosofia? Eu disse não, isso não me interessa. Mas eu estou interessado em escrever para os meus netos o que eu penso, o que eu vejo, os filósofos. Então, por exemplo, hoje, eu escrevi sobre Hume. O próximo será Diderot... e então, para cada ano, para o aniversário do neto, ele tem um fascículo que eu fiz mesmo no computador. Eu acho isso mais rico, por exemplo: por que gastar tanto tempo para convencer um editor quando eu necessito tanta força para escrever.

J – É exaustivo mesmo.

F – Eu publiquei livros, agora estou fora disso. Eu não necessito (de) um público. Os meus netos são o meu público e os meus amigos, então...

J –É uma forma de incentivá-los...

F – É, é, o fracasso deste último livro me levou a ver as coisas de uma maneira muito distinta: a importância da correspondência. Eu escrevo muitas cartas, eu tenho amigos, faz 50 anos que estamos em intercambio com cartas.

J – O senhor não utiliza e-mails?

F – Ah, não, nada disso. À mão! Por que eu gosto da caligrafia...

J – O cheiro do papel...

F – O cheiro do papel, a página em branco e você diz: bom, que vai escrever você? Então vamos tentar... primeiro com lápis, segundo passo, com tinta, terceiro passo com computador. E o computador me permite fazer cópias (risos). Divertido não... isso me toma duas horas por dia, não mais, porque eu estou cansado. A concentração depois de duas horas de trabalho não me permite...

J – O senhor permita a minha indiscrição agora, o senhor tem quanto anos?

F – 81 (oitenta e um). É, é verdade que gosto de escrever, mas eu gosto de passear com meu “perro” (cachorro), né Wody (olha para o cachorro). Durante todo o ano... 6 vezes por dia.

J – Mas nesse inverno foi complicado, não?

F – Aff, foi terrível! Terrível... não era fácil.

J – E o senhor continua suas leituras?

F – Sim... para este trabalho, que se chama o ABC de um Avô para os seus netos (risadas), abecedário, não! Bom, então, de vez enquan-

to eu me digo: como vou apresentar tal e tal... não há outra maneira do que voltar a ler de novo, ou ler pela primeira vez, (risos).

J – Bem professor, pra gente ir encerrando, algumas questões pontuais: o senhor acha que o pensamento de Paulo Freire, o senhor que conhece bem sua obra, tem alguma relevância para a atualidade, olhando conjunturalmente numa perspectiva política...

F – Por que não? Por que não? Por que isto não depende mais... infelizmente Paulo morreu, então o que fica é o que tem escrito, se isso inspira alguém... e eu acho que há certas ideias, ou profecias de Paulo... vou dar um exemplo: faz dois anos, quem pensava que a mundialização, que a sociedade chamada liberal podia ter um problema... faz agora, dois meses, que tudo está desarrumando, indignados, mesmo a Merkel está assim, assim... ah! Certas ideias de democratização que o povo pode participar ao poder, isso era uma ideia forte no pensamento e ele traduziu isso na escola, na educação, isso continua sendo e pode inspirar novas ideias na educação, acho que sim...

J – É nesse sentido que eu gostaria de saber sua posição sobre “Educação Permanente”, ou a “perspectiva utópica na formação de professores”...

F – São duas perguntas distintas e difíceis. A Educação permanente não foi um bom conceito! A crítica de (Ivan) Illich, dizendo oh, se você quer educar permanentemente o ser humano, você nunca dá liberdade a ele...

J – Caso ele não queira ser educado...

F – Exato! Eu acho que não foi um bom conceito e desapareceu... de fato desapareceu e eu acho muito bem, a ideia não, mas o conceito. Ah, agora, na visão de Paulo há a ideia da educação permanente, mas não o conceito.

J – Isso lhe dá mais liberdade...

F – Isso, isso, bom isso é um problema... o segundo é muito grave! E o problema da disciplina na escola... hum, a nova geração tem uma liberdade, tem uma... liquidou muitos tabus, então o problema da autoridade do professor, deixa muitos professores desesperados.

J – Aí vem a questão de novas tecnologias...

F – Exato... e também o fato que quanto, por exemplo, eu soube disso com a minha filha em relação aos netos... numa escola, digamos, um aluno de quatorze anos insulta o professor e que o professor está dizendo a este aluno, já chega, ou vai-te embora, o diretor da escola não apoia sempre o professor, tampouco a família do aluno, nesta situação que educação dar aos futuros professores, eu acho realmente muito complicado.

J – Por que envolve a questão da autoridade, da autoconfiança...

F – Olha, o problema da autoridade nunca foi levantado por Paulo.

J – Ele coloca em algumas questões que autoridade não é autoritarismo.

F – Ah, sim, mas... é possível uma autoridade sem cair no autoritarismo... impor sua autoridade? Ou ter autoridade!

J – Esse é o problema: como legitimar a autoridade?

F – Exato! Quando estamos numa sociedade onde tudo é permitido ao nível da vida cotidiana... então isso você vê na rua.

J – Então esse é um dos problemas centrais que o senhor vê para a formação de professores?

F – Eu vivo isso cotidianamente. Agora não sei se é por que eu estou acompanhando o “perro” (cachorro), eu acho que ninguém tem medo do perro (cachorro), Wody (risos), mas enfim, eu não tenho problema da autoridade agora... mas por exemplo, ontem encontrei uma mãe que estava carregada de garrafas vazias de wisque, vodca, não sei o que, e disse: ah, é que faz uns dias houve uma “buma” dos amigos da minha filha e do meu filho...

J – Buma?

F – Festa de adolescente... E ela teve de limpar... “se estou proibindo, vão fazer isso de outro lado”, ao menos tem nos olhos... não é só o problema da seguridade, o problema é realmente do respeito, da sociedade civil... a liberdade é interpretada como permissão (permissividade). O que pode chegar ao que Bloch diz “anarquia” e ele está absolutamente contra a anarquia, por que isso para ele é o fim da sociedade...

J – Então que sentido faz a utopia enquanto parâmetro para a educação, a gente precisa de hierarquia?

F – Isso é, digamos, a geração que vem depois de mim que tem que resolver... não, não, eu fiz o meu trabalho, 80 anos, né, que os meus alunos, ou gente que tive contato, eles tem que resolver... cada geração tem os seus problemas e acho que estamos vivendo um momento agora que em nada é pessimista. Há muitas ideias que se diziam impossíveis. Economicamente a única solução é gastar menos... agora, muita gente diz que isso é impedir o crescimento, que tudo deve ser rentável, muita gente dizia que isso é louco e ninguém queria isso... e agora, inclusive, a Merkel reconheceu que talvez os gastos sociais não seriam maus... você seguiu a política alemã?

J – Estou acompanhando em paralelo à eleição do Holande na França.

F – Domingo houve eleições no Estado de Vestefália, norte da Alemanha, onde vivem 18 milhões de cidadão e os socialistas venceram de maneira tremenda por quê? Porque acham que se deve dar mais dinheiro à educação de base, à educação de adultos, à saúde e que não se pode reduzir este campo dizendo: “ah, economicamente não podemos”. Olha, estou propondo a você que podemos conversar noutro dia...

Neste ponto da entrevista o professor Furter já estava cansado e optei por encerrar. Continuamos a conversa sobre charutos e tomamos um maravilhoso café. Mostrou-me todo o material que ainda guardava da época em que estive no Brasil (revistas, livros, diafilmes, documentos) e ofereceu para que eu levasse o que considerasse necessário. Agradei imensamente e saí cambaleante pedalando a bicicleta como se estivesse carregando uma carga preciosa.

Bibliografia

ACERVO DIGITAL Paulo Freire: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/js-pui/handle/7891/3720>. Acesso em 18/08/2020.

ARAÚJO FREIRE, A. M. **Paulo Freire: uma história de vida**. 2. Ed. ver. atualizada. Rio de Janeiro/São

Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra: 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FURTER, Pierre. **Desafios nos trópicos**. In: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

FURTER, Pierre. **A dialética da esperança**: interpretação do pensamento de Ernst Bloch. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FURTER, Pierre. **L'Amérique Utopique**: Essai sur la contribution de la pensée utopique au développement de la formation des latino-américains. (Apostila

mimeografada para uso nas aulas no curso da FAPSE – UNIGENEVE), 1977 – 1978.

FURTER, Pierre. **Educação e vida**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

FURTER, Pierre. **Educação e reflexão**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

FURTER, Pierre. **Paulo Freire e Ivan Illich**: das utopias pedagógicas às utopias sociais. In: APPLE, Michael; NÓVOA, António (orgs.). Paulo Freire: Política e Pedagogia. Porto/Portugal: Porto Editora, 1998.

FURTER, Pierre. **Mondes Rêvés**: formes et expressions de la pensée imaginaire. Neuchâtel; Paris: Delachaux et Nestlé, 1995.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GREIS, Yvone Soares dos S. **O elemento utópico no pensamento de Pierre Furter**. Campinas, SP: (s/n) 1996. Orientador: João Francisco Régis de Moraes. Dissertação de (Mestrado). Universidade de Campinas. Faculdade de Educação.